

Diário do Pará

PARÁ
que orgulha e *Transforma*
7ª EDIÇÃO

diariodopara.com.br /
SÁBADO e DOMINGO,
Belém-PA, 22 e 23/08/2026

Os legados que deixamos para o futuro

Nas próximas páginas, ações,
pesquisa e projetos que ajudam a
garantir um Pará melhor para as
próximas gerações



Oferecimento:



Os legados definitivos que a COP deixou para Belém

Meses após a realização do evento, os efeitos dos investimentos estão nas ruas da cidade, com as mudanças em saneamento, segurança e turismo. A capital vive uma nova fase para seus moradores



O Parque da Cidade foi a maior intervenção urbana da história de Belém FOTO: MAURO ÂNGELO

MUDANÇA

Luiza Mello

O COP30 marcou muito mais do que a realização de um evento internacional em Belém. A conferência climática se transformou no grande motor de uma mudança urbana histórica, acelerando investimentos, modernizando a infraestrutura e reposicionando a capital paraense no cenário mundial.

Com mais de R\$ 7 bilhões aplicados em mobilidade, saneamento, segurança, turismo e requalificação urbana, a cidade passou a viver uma nova fase: mais integrada, sustentável, iluminada e preparada para crescer sem perder sua identidade amazônica. O que antes eram gargalos históricos virou símbolo de transformação. E o legado construído agora faz parte da rotina de quem vive, trabalha e sonha em Belém.

As obras de macrodrenagem e saneamento mudaram uma das realidades mais antigas da capital paraense. Antigos canais abertos deram lugar a estruturas modernas, com galerias fecha-



O Porto Futuro é hoje uma referência para o turismo local FOTO: WAGNER ALMEIDA

das, sistemas de filtragem e contenção que reduziram os impactos provocados pelas fortes chuvas e pelas marés altas. Áreas historicamente afetadas por alagamentos ganharam parques lineares, espaços de convivência e novas áreas verdes, transformando antigos problemas urbanos em ativos ambientais.

No Ver-o-Peso, ações de controle de resíduos reduziram o descarte irregular na baía, enquanto a expansão do esgotamento sanitário alcançou bairros periféricos e distritos como Ico-araci. Hoje, o sistema de drenagem opera com mais eficiên-

cia e rapidez, permitindo um escoamento até 40% superior ao registrado antes das intervenções iniciadas para a COP30.

NOVA MOBILIDADE DE PASSAGEIROS

A conferência também acelerou uma transformação histórica na mobilidade urbana da Região Metropolitana de Belém. O BRT Metropolitano consolidou a integração entre municípios como Belém, Marituba, Benevides e Santa Isabel, permitindo deslocamentos mais rápidos com tarifa integrada e corredores exclusivos.

A modernização chegou também à frota, com a entrada de ônibus elétricos e veículos movidos a biocombustíveis, reduzindo emissões de carbono e oferecendo mais conforto aos passageiros. Equipados com ar-condicionado, Wi-Fi e monitoramento em tempo real, os novos veículos ajudaram a redefinir a experiência do transporte público na capital paraense.

Aplicativos integrados ao Centro de Controle Operacional passaram a informar em tempo real a localização dos ônibus e o tempo estimado de chegada, criando um sistema mais eficiente, previsível e conectado.

UMA CIDADE MAIS ILUMINADA E SEGURA

Belém também incorporou o conceito de Cidade Inteligente ao seu processo de transformação urbana. A implantação da iluminação 100% em LED modernizou corredores urbanos, parques e áreas turísticas, ampliando a sensação de segurança e incentivando o uso noturno dos espaços públicos.

Parques lineares, orlas e terminais de transporte passaram a contar com monitoramento por câmeras de alta resolução integradas aos sistemas de segurança pública. A combinação entre tecnologia, iluminação e ocupação dos espaços ajudou a reduzir a sensação de abandono em áreas antes pouco frequentadas durante a noite.

O resultado foi uma cidade mais viva, com espaços públicos retomados pela população e um ambiente urbano mais seguro para moradores e visitantes.

NOVO MAPA ECONÔMICO DE BELÉM

Os investimentos impulsionados pela COP30 promoveram uma forte movimentação econômica na Região Metropolitana de Belém. Durante o auge das obras, a construção civil liderou a geração de empregos na região Norte, com mais de 30 mil postos diretos criados apenas nas intervenções ligadas à conferência.

Regiões como a Doca e avenida Tamandaré registraram valorização imobiliária significativa após a implantação dos parques lineares e da requalificação urbana. A modernização



A nova Tamandaré se transformou em um espaço de convivência para as famílias

FOTO: RICARDO AMANAJÁS

da cidade também abriu espaço para novos negócios, hotéis, restaurantes, serviços e empreendimentos ligados ao turismo e à economia criativa. Além da transformação física, Belém passou a ocupar um novo espaço estratégico dentro da economia amazônica e nacional.

BELÉM NA ROTA DO TURISMO

A COP30 colocou Belém definitivamente no radar do turismo internacional. A modernização do Porto Futuro II, do Mercado de São Brás e do Terminal Portuário de Outeiro ampliou a capacidade da capital paraense para receber grandes eventos e embarcações de grande porte.

A partir da conferência, o diálogo com a CLIA Brasil abriu caminho para que Belém passe a integrar futuras rotas nacionais e internacionais de cruzeiros marítimos, conectando a Amazônia ao Caribe, ao eixo Noroeste-Nordeste e a outros destinos globais.

O potencial econômico desse novo cenário é significativo. Em várias cidades do mundo, o turismo de cruzeiros movimentou hotéis, restaurantes, comércio, transporte e atividades culturais. Belém agora começa a construir sua própria vocação dentro desse mercado, aproveitando o diferencial único de ser uma das principais portas de entrada da Amazônia.

DE VITRINE MUNDIAL A CENTRO ADMINISTRATIVO

Construída para receber chefes de Estado e delegações internacionais durante a conferência da ONU, a Vila COP30 ganhou uma função permanente após o encerramento do evento. O espaço será

transformado no Centro Administrativo do Estado (Ceade), reunindo órgãos públicos em uma estrutura moderna e integrada.

A iniciativa evita que o complexo se transforme em um elefante branco, problema recorrente em grandes eventos internacionais, e reforça a estratégia de transformar os investimentos da COP30 em benefícios permanentes para a população.

Além de concentrar serviços públicos e reduzir custos operacionais, o novo centro administrativo deve estimular a reorganização urbana do entorno, atraindo circulação de pessoas, comércio e novos serviços para a região.

O MAIOR LEGADO

Talvez o maior legado da COP30 não esteja apenas nas obras, nos parques, nos terminais ou nos corredores de mobilidade. A conferência mudou a forma como o mundo passou a enxergar Belém.

A capital amazônica deixou de ser percebida apenas como uma cidade regional para ocupar espaço no debate internacional sobre sustentabilidade, cultura, turismo e desenvolvimento. Líderes globais, jornalistas, pesquisadores e visitantes descobriram uma cidade vibrante, plural, estratégica e profundamente conectada ao futuro da Amazônia.

Esse novo olhar internacional já começa a gerar oportunidades concretas para a economia, para o turismo e para a projeção global da capital paraense. Belém saiu da COP30 não apenas como sede de um evento histórico, mas como uma cidade que descobriu sua força para dialogar com o mundo sem deixar de ser essencialmente amazônica.

Bioeconomia movimenta R\$ 13,5 bilhões ao ano no Pará

Transformação na biodiversidade da Amazônia vem ocorrendo por meio do desenvolvimento sustentável, com a floresta em pé, a partir do uso de tecnologias, pesquisas e participação de comunidades tradicionais

MUDANÇA

Luiza Mello

A floresta em pé já movimenta bilhões de reais no Pará — e a tecnologia começa a abrir uma nova fronteira econômica para a Amazônia. Impulsionada pela inovação, pela ciência e pelos conhecimentos tradicionais das populações amazônicas, a chamada Bioeconomia 4.0 ganha força como uma das principais apostas para transformar a biodiversidade da região em desenvolvimento sustentável, sem derrubar a floresta.

O conceito vai além da exploração convencional de matérias-primas e propõe uma mudança profunda na forma como a riqueza amazônica é produzida. Em vez de exportar apenas produtos brutos, como sementes, frutos ou óleos naturais, a ideia é agregar valor dentro da própria Amazônia, utilizando inteligência artificial, biotecnologia, automação, rastreabilidade digital e pesquisa científica para criar produtos de alto valor agregado voltados às indústrias alimentícia, farmacêutica, cosmética e tecnológica.

Na prática, a Bioeconomia 4.0 busca unir o conhecimento ancestral da floresta às tecnologias mais avançadas da chamada quarta revolução industrial. O modelo aposta em cadeias produtivas inteligentes, capazes de gerar renda, ampliar a industrialização local e reduzir a dependência de atividades predatórias, como o desmatamento ilegal e a exploração desordenada de recursos naturais.

É dentro desse cenário que ganha relevância o novo Relatório Técnico Preliminar coordenado pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa), em parceria com universida-



O Cumaru (ao lado) é um dos insumos amazônicos mais procurados pela indústria FOTOS: DIVULGAÇÃO

des federais. O levantamento mostra que a bioeconomia da sociobiodiversidade já movimenta R\$ 13,5 bilhões por ano no Pará e se consolida como uma das atividades econômicas mais estratégicas para o futuro da Amazônia.

O estudo, elaborado com metodologias da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), identificou o protagonismo de cadeias profundamente ligadas à cultura e à economia amazônica. A mandioca lidera a movimentação financeira, com R\$ 6,5 bilhões em Valor Bruto da Produção (VBP), seguida pela pesca e aquicultura, com R\$ 2,7 bilhões, pelo cacau, com R\$ 1,7 bilhão, e pelo açaí, com R\$ 1,5 bilhão anuais.

Embora o Valor Bruto da Produção da mineração e da agropecuária tradicional ainda seja superior, os pesquisadores destacam que a bioeconomia possui um impacto social muito mais distribuído. O setor ocupa mais de 271 mil pessoas e gera cerca de R\$ 1,4 bilhão em massa salarial no Estado.

Outro dado importante revela o potencial multiplicador da atividade. Cada R\$ 1 investido na bioeconomia gera R\$ 1,13 no Produto Interno Bruto (PIB) estadual. Esse efeito aumenta conforme

a cadeia avança: chega a R\$ 1,14 na matéria-prima, R\$ 1,27 na indústria e R\$ 1,40 na comercialização. Isso significa que quanto maior o processamento e a industrialização dentro do Pará, maior será a geração de riqueza e empregos.

Para o presidente da Fapespa, Marcel Botelho, o estudo ajuda a consolidar um novo paradigma econômico para a Amazônia. “A Rede de Bioeconomia é resultado de uma articulação que transcende a formação de um consórcio de pesquisa, representando uma resposta estruturada à necessidade premente de construir um novo paradigma de desenvolvimento para a Amazônia, fundamentado em dados robustos e cientificamente validados”, afirmou.

CUMARU

A lógica da Bioeconomia 4.0 aparece de forma clara no caso do cumaru, uma das sementes amazônicas mais valorizadas pela indústria internacional de fragrâncias e cosméticos. O estudo revelou que a produção paraense é muito maior do que indicam os dados oficiais. Enquanto o IBGE registra 148 toneladas comercializadas, movimentando R\$ 13,3 milhões, os pesquisadores identi-

caram 267 tonela-das efetivas, gerando R\$ 24,4 milhões.

O problema é que boa parte do valor agregado ainda sai da Amazônia. Quando industrializado, o cumaru ganha cerca de 330% de valorização, mas esse benefício ocorre majoritariamente fora do Pará. Na etapa inicial da cadeia, o coletor retém quase 70% do valor adicionado. Já no ciclo industrial, a indústria concentra cerca de 74% da riqueza gerada. “O cumaru possui enorme potencial de inovação local e agregação de valor dentro do Pará”, destacou o professor Luiz Gonzaga Feijão da Silva, durante o I Encontro da Cadeia Produtiva do Cumaru no Oeste do Pará, realizado em Santarém.

É justamente nesse ponto que entram as ferramentas da Bioeconomia 4.0. Startups, universidades, cooperativas e centros de pesquisa vêm desenvolvendo soluções tecnológicas para rastrear cadeias produtivas, monitorar áreas de manejo sustentável, ampliar a transparência ambiental e conectar pequenos produtores diretamente ao mercado nacional e internacional.

Aplicativos de rastreabilidade digital, por exemplo, já permitem acompanhar a origem de produtos da floresta desde a coleta até a comercialização final. Plataformas inteligentes também ajudam a reduzir desperdícios, organizar estoques e ampliar o acesso das comunidades tradicionais ao comércio eletrônico e aos mercados verdes globais.

ANCESTRAIS

A tecnologia, porém, não substitui os conhecimentos ancestrais da Amazônia — ela se soma a eles. A Bioeconomia 4.0 reconhece povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e comunidades extrativistas como protagonistas centrais na preservação da floresta e na construção de soluções sustentáveis.

Os desafios, no entanto, ainda são enormes. O estudo da Fapespa aponta que a informalidade continua sendo um dos principais gargalos econômicos da região. Na cadeia da mandioca, por exemplo, mais de 99% da produção ocorre fora dos registros fiscais, reflexo de uma atividade fortemente baseada em estruturas familiares e

comunitárias.

A distribuição desigual da renda também preocupa os pesquisadores. Na cadeia da castanha-do-pará, os coletores ficam com apenas 2,9% do valor final do produto. Já em cadeias mais organizadas, como as da andiroba e da copaíba, associações e cooperativas permitem que as comunidades retenham entre 19% e 31% da riqueza gerada.

Além disso, a emergência climática já começa a provocar impactos diretos na produção amazônica. Pesquisas realizadas em municípios como Marabá, Rondon do Pará, Santarém e Oriximiná identificaram perdas severas na produção de castanha, mandioca e açaí em decorrência das secas extremas e queimadas, afetando diretamente a segurança alimentar e a renda das famílias.

Para os especialistas, fortalecer cooperativas, ampliar a industrialização local e investir em ciência e tecnologia serão passos decisivos para consolidar a chamada “economia da floresta em pé” — modelo baseado no uso sustentável da biodiversidade amazônica e na valorização dos territórios tradicionais.

O Pará já possui uma estrutura de políticas públicas voltadas para essa transição, sustentada pela Política Estadual sobre Mudanças Climáticas, pelo Plano Estadual Amazônia Agora e pelo Plano Estadual de Bioeconomia. A diretora de Estatística e Tecnologia e Gestão da Informação da Fapespa, Atylia-na Dias, afirma que a bioeconomia já deixou de ser apenas uma promessa. “O setor já existe, gera bilhões e sustenta milhares de famílias. O desafio agora é transformá-lo em um forte vetor de desenvolvimento sustentável e equitativo para a Amazônia”, destacou.

A próxima etapa da pesquisa será apresentada em novembro e deve aprofundar temas estratégicos da Bioeconomia 4.0, como matriz tecnológica, consumo intermediário, integração das cadeias do cacau e da mandioca e a criação de um Índice de Resiliência Socioambiental dos municípios paraenses.

No centro dessa transformação está uma ideia cada vez mais forte: o futuro econômico da Amazô-

nia pode estar menos na derrubada da floresta e mais na inteligência aplicada à biodiversidade que ela abriga há séculos.

Do ponto de vista econômico, a floresta amazônica é bastante explorada de maneira predatória e agressiva — via pecuária, agricultura e mineração, por exemplo. O conceito de Amazônia 4.0 tem como ponto de partida a ideia de que essas formas não representam o melhor potencial econômico da região.

“O Amazônia 4.0 é uma maneira de, conceitualmente, começar a mostrar que o grande potencial [econômico] da floresta é mantê-la em pé. É desenvolver sistemas que aproveitem os produtos da biodiversidade”, disse, em entrevista ao jornal digital Nexo, o cientista e uma das maiores autoridades mundiais sobre a Amazônia, Carlos Nobre, cientista-sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP, copresidente do Painel Científico para a Amazônia e um dos líderes do Instituto Amazônia 4.0.

O conceito de Amazônia 4.0 visa, de forma geral, agregar valor a produtos extraídos na região da floresta amazônica, usando tecnologia de ponta. A intenção é introduzir conhecimentos em áreas como nanotecnologia, robótica e computação para desenvolver a chamada “bio-economia” na região. E sem derrubar a floresta.

Um exemplo seria a operação de uma fábrica que utiliza tecnologia avançada para, a partir de um produto extraído por comunidades locais (como o açaí, por exemplo), criar um subproduto que pode ser comercializado a valores mais altos do que o próprio bem primário. “É por isso, aliás, que o projeto tem o nome “Amazônia 4.0”. Trata-se da ideia de incorporar avanços da Quarta Revolução Digital (ou Indústria 4.0) na região amazônica”, explica o cientista.

O conceito de Amazônia 4.0 está fortemente relacionado à bioeconomia. Bioeconomia é o nome dado ao conjunto de atividades que produzem itens que têm origem nos recursos naturais e foram produzidos com alta tecnologia. São exemplos desses produtos os chamados bio-fármacos, biocombustíveis e produtos biodegradáveis.



EM IMAGENS

① Maria Madalena ② Regiane Pena ③ Lourdes Moraes FOTOS: IRLAINE NÓBREGA ④ e ⑤ Linha de montagem da Estilo Barcarena ⑥ Milene Maués

FOTOS: HYDRO / DIVULGAÇÃO

Oportunidades construídas por mãos talentosas

Cooperativa de costureiras de Barcarena cria oportunidades de geração de renda e qualificação profissional para mulheres, a partir de parceria com mineradora, que incentiva a autonomia feminina

COOPERAÇÃO

Irlaine Nóbrega

Uma cooperativa de costureiras é responsável por potencializar oportunidades para mulheres no município de Barcarena. Em atividades desde 2020, a Estilo Barcarena promove a inclusão financeira, acesso ao mercado de trabalho formal, capacitação de empreendedoras e o estímulo à coletividade. Com parceria firmada com o Fundo Hydro, a iniciativa fortalece a autonomia feminina por meio da geração de renda e da qualificação profissional para dezenas de mulheres da região.

“Eu sempre gostei de costurar, mas só de dois anos para cá que eu costuro profissionalmente”. Essa é a atual rotina da costureira Lourdes Moraes que, da vida tranquila cuidando da casa, passou a trabalhar com confecção industrial aos quase 60 anos de idade. É na rua Germano Araújo, número 3211, distrito de Vila dos Cabanos, que ela, junto de mais 24

costureiras, alinhava os tecidos que dão forma a uniformes, eco bags, camisas ranchieras, calças e necessaires. “Como eu gosto muito de costurar, eu fiz no Senai um curso e depois eu fui chamada para o projeto e aqui estou. Chego agora e com muito prazer, adoro isso aqui porque eu sempre gostei de costurar”, relata.

HISTÓRIA

Criada em 2020, em plena pandemia da Covid-19, a cooperativa Estilo Barcarena é fruto da parceria com o Fundo Hydro, iniciativa concebida em 2019, por meio da união das empresas Hydro, Albras e Alunorte e Minera-

ção Paragominas. “Essa parceria é fruto de um amadurecimento genuíno na forma como nos relacionamos com as comunidades. A parceria surgiu como um desdobramento de experiências anteriores apoiadas pelo Fundo Hydro na região, como os projetos Travessia Barcarena, com produção de máscaras na pandemia, e Estilo Travessia, através da capacitação e exposição do trabalho de costureiras”, destaca a gerente de Parcerias do Fundo Hydro, Milene Maués.

A partir de 2023, o Fundo Hydro, por meio da cooperação com a Iniciativa Barcarena Sustentável (IBS), deu início a potencialização do seg-



mento de costura e confecção através da Es-tilo Barcarena, que resultou na formação da cooperativa que atualmente conta com 25 mulheres cooperadas.

“Ao ouvirmos mulheres do território, sentimos que o desejo de empreender esbarra na falta de oportunidades de capacitação, treinamento e acesso à crédito, o que alavanca as oportunidades de acesso ao mercado de trabalho formal, estruturação de espaço e maquinários adequados para atendimento da demanda de negócios da região”, afirma Maués.

No começo, a organização investiu na formação das mulheres promovendo workshops e trilhas formativas que prepararam 240 pessoas para o mercado e construção do próprio negócio. Logo em seguida, 15 máquinas foram doadas para dar ritmo à produção, além da destinação de investimentos na estruturação de um espaço físico da cooperativa, incubadora que mantém até hoje. “Ver essas mulheres crescendo e saindo da informalidade para gerirem seu próprio negócio, com produtos de alta qualidade, preço justo e dignidade, é extremamente gratificante”, ressaltou a gerente de Parcerias do Fundo Hydro.

No acabamento, fase final que agrega valor à peça e garante a durabilidade, é a costureira Maria Madalena Rodrigues que faz a limpeza de linhas excedentes e a revisão de qualidade de cada peça. Há apenas dois anos ela trocou a aposentadoria de professora para se dedicar à nova profissão. “Eu comecei a participar e gostei, que eu já tinha vontade mesmo. Sempre fui curiosa pela costura, mas eu só sabia costurar aleatoriamente. Assim, como é aqui, profissionalmente, é outra história. Eu vim para cá para sair da ociosidade da aposentadoria”, relata.

Aos 71 anos, Madalena acumula experiências. Primeiro, na mesa de corte, seguida pela costura na máquina,



chegando à mesa de apoio. “Para cá vem as costuras para a gente tirar o resto de linha e depois devolver as peças para outra etapa, a passadoria. É um trabalho rápido, depende muito da quantidade de peças que tem. Por exemplo, a gente estava com mais de 100 ecobags pra fazer. Agora só falta fechar”, detalhou.

Segundo a presidente da Estilo Barcarena, Regiane Pena, a união e o fortalecimento coletivo têm sido os principais pilares do empreendimento com pegada sustentável. Isso porque o trabalho vai além da geração de renda, atuando como ferramenta de apoio mútuo e independência financeira. O objetivo agora é buscar novas oportunidades e ampliar a captação de recursos para consolidar o trabalho das costureiras cooperadas.

“Como é um trabalho de economia solidária, todo mundo tem que dar a mão e se unir para conseguir o nosso sustento. Aqui não existe isso de uma ganhar mais que a outra. A gente trabalha junto para crescer junto”, afirma. “O que a gente espera mesmo é conseguir mais captação de recursos porque é bem difícil a questão financeira. A Hydro nos deu toda a estruturação da cooperativa e hoje a gente atende várias empresas. A gente está esperando a parte do avançamento mesmo para crescer ainda mais o nosso trabalho”, revela a presidente.

PERSPECTIVAS

Ainda conforme a gerente de Parcerias do Fundo Hydro, a Cooperativa Estilo Barcarena é exemplo para outras regiões, como Paragominas. Por isso, a perspectiva é con-



tinuar incentivando outras mulheres do município e trabalhar para que elas se consolidem no mercado, aperfeiçoem os seus produtos e expandam o mercado.

“Além disso, por meio da expertise do Fundo Hydro, que já beneficiou mais de 91 mil pessoas em Barcarena através de seus projetos, estamos aprimorando e promovendo constantemente a análise de novas oportunidades através do diálogo permanente com as pessoas do território para que esta experiência bem-sucedida do Estilo permita replicar a metodologia em outros municípios paraenses”, conclui Milene Maués.

FUNDO HYDRO

- Além do incentivo financeiro, o Fundo Hydro promove o suporte integral aos empreendedores e abrange diversas áreas:

CAPACITAÇÃO TÉCNICA:

- Planejamento das etapas de produção industrial e práticas de desenvolvimento sustentável.

GESTÃO DE NEGÓCIOS:

- Finanças, compras, desenvolvimento de produtos, precificação e vendas.

APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL:

- Workshops sobre empreendedorismo, mercado formal e viabilidade associativa.

SUPORTE OPERACIONAL:

- Implementação e gerenciamento de negócio coletivo.



Correndo em busca da transformação social

Programa Talentos Esportivos se tornou uma das principais ações de incentivo ao esporte no Pará, com foco no desenvolvimento, integração e adoção de hábitos saudáveis para todas as idades

ESPORTE

Rafael Rocha

O Programa Talentos Esportivos, iniciativa da Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (Seel), existe há mais de 10 anos e se consolidou como uma das principais ações de incentivo ao esporte no Pará. O projeto tem como foco o desenvolvimento esportivo e social, promovendo integração comunitária, descoberta de novos talentos, estímulo à saúde e incentivo à adoção de hábitos saudáveis. Atualmente, o programa atende 739 participantes em diferentes modalidades.

As atividades são gratuitas e incluem aulas de futsal, vôlei, treinamento funcional, condicionamento físico, tênis de mesa, dança, ginástica artística, entre outras práticas esportivas. Os treinamentos são realizados em espaços de referência do esporte paraense, como o Parque Olímpico Mangueirão e o Estádio Mangueirão, que oferecem infraestrutura adequada para o desenvolvimento das atividades. O público atendido varia entre 7 a 59 anos, conforme a modalidade.

Segundo a diretora técnica de esporte e lazer da Seel, Gisele Almeida, o programa atua como

uma ferramenta de desenvolvimento humano, inclusão social e promoção do bem-estar, além de contribuir para a formação de novos talentos esportivos. “Ao longo dos anos, fomos ampliando as modalidades e abrangendo cada vez mais pessoas da comunidade. Isso também fez com que a procura pelo programa aumentasse significativamente”, afirma.

A gestora destaca ainda que as atividades contam com professores capacitados e materiais de apoio específicos para cada modalidade, garantindo acompanhamento técnico aos participantes. As inscrições para as turmas do semestre foram abertas no início do ano. A previsão da Seel é de que novas vagas sejam disponibilizadas em agosto, após o recesso do programa no mês de julho.

O Talentos Esportivos atua em polos localizados nos municípios de Belém e Ananindeua, ampliando o alcance das ações para além da capital e fortalecendo a descentralização das atividades esportivas no estado. “É um projeto que utiliza o esporte como ferramenta para promover saúde e integração. Além disso, ajuda a afastar crianças e jovens do ócio e incentiva a convivência social”, reforça Gisele Almeida.

A universitária Erica Rodrigues, 34, toda semana leva duas vezes os filhos João Guilherme, 8, e Rafael, 4, para o futsal no Mangueirão. O ritual se repete desde janeiro, quando Rodrigues matriculou os filhos na modalidade. “Eu soube das inscrições pelas redes sociais. Decidi colocar eles para praticar o esporte”, ressalta. Ela explica que muitos aspectos mudaram para melhor depois que as crianças começaram no esporte.

“Eu percebi que eles tiveram um desempenho melhor na escola. Estão com mais disciplina e também visão de responsabilidade. Na véspera dos treinos, ficam empolgados já arrumando a roupa que vão usar no dia seguinte no futsal”, explica a universitária. Rodrigues também é adepta de esportes, o que considera muito bom para a saúde e relaxamento. “Na minha adolescência eu jogava vôlei. Então ver eles agora praticando um esporte é uma felicidade.”

Para a universitária, o futsal por meio do Talentos Esportivos fornece boa estrutura para a prática de atividades em um ambiente seguro e protegido, e que as atividades promovem ainda sociabilidade entre as crianças. “Na rua é perigoso eles brincarem. Quando meus filhos terminam de jogar e vão para casa, eles dormem melhor e desistem do uso de celulares”, pon-



tua. “Eu gos-to bastante”, diz Rafael. “Ve-nho sempre”, pontua João Guilherme. “Quem sabe surge um grande nome do futebol”, reflete Erica Rodrigues.

No caso do autônomo Cláudio Júnior, 42, o interesse foi pelo tênis de mesa, esporte que ele considera muito importante pelas técnicas e habilidades que a modalidade exige. Desde março deste ano ele ingressou no programa e afirma gostar cada vez mais de treinar. “Eu já jogava ping pong antes; já tinha interesse neste tipo de esporte. Foi quando soube por uma amiga que ia abrir inscrição e quis saber mais sobre o tênis de mesa”, explica.

Para o autônomo, é um “ritual” sagrado ir duas vezes ao Mangueirinho toda semana para a prática da atividade. “Eu me identifiquei com o tênis de mesa. Quando termino as aulas, me sinto bem”, diz. Uma inspiração para Cláudio Júnior é o brasileiro Hugo Calderano, considerado o maior mesa-tenista das Américas. “É bom ter uma inspiração para que cada vez mais possamos dar o nosso melhor”, comenta.

Ele explica que o tênis de mesa tem contribuído bastante na vida dele, tanto para a concentração como para a prática de atividade física. “Aqui temos a oportunidade de melhorar e nos aperfeiçoar como esportistas. Eu me sinto bem melhor porque deixa a nossa vida ativa e com menos estresse. É como uma terapia”, pontua. “Trabalhamos com o corpo e a



mente para prestar atenção no nosso lance e no do oponente. Toda semana esse é meu compromisso.”

O atletismo também faz parte das modalidades disponibilizadas pelo Talentos Esportivos. Uma das integrantes é a estudante Sarah Ambé, 16. Ela é velocista, uma categoria de atletas focada em corridas de curta distância e alta intensidade. A inspiração para praticar esportes veio por meio de familiares. “Sempre vi em casa minha família fazendo atividades físicas em outros esportes. Eu resolvi seguir também o exemplo”, explica.

Ambé destaca que quando cri-



EM IMAGENS

1 Sarah Ambé 2 Erica, Guilherme e Rafael 3 a 5 Projeto envolve diversas modalidades esportivas 6 Gisele Almeida

FOTOS: OSWALDO FORTE

ança começou a vida esportiva no handebol, e logo em seguida veio a paixão pelo atletismo. “Já são oito anos no atletismo, um esporte que muda bastante a nossa vida”, pontua. São pelo menos cinco horas de treinos por semana, dividido em dois dias. Para manter a rotina, ela diz que precisa ter muito foco e constância. “Eu divido o meu tempo entre a escola de manhã, treino de tarde e estudar também de noite”, afirma sobre o dia a dia.

“É preciso ter muita disciplina sempre”, complementa. Ambé diz que quando pisa na pista de atletismo no Mangueirão, onde os treinos são realizados, sente que esquece de qualquer problema devido a sensação boa que o esporte proporciona. “Há dias que podemos estar desanimados com alguma coisa, ou com algum tipo de problema. Mas quando chego aqui e começo a correr, sinto que fico renovada. O atletismo tem muita importância para mim.”



Revolução tecnológica na mineração ganha propósito ao se conectar com a sustentabilidade e a transição energética global. Cidades como Parauapebas, Canaã dos Carajás e Juruti tornaram-se polos de inovação global FOTO: VINICIUS LIRA / VALE

A nova era da mineração: tecnologia, sustentabilidade e desenvolvimento

Trata-se de um cenário onde a eficiência operacional na atividade caminha lado a lado com a transição ecológica e a responsabilidade social

INVESTIMENTO

Luiza Mello

A mineração no Pará vive uma virada de chave histórica que redefine sua própria identidade. Sob o ecossistema do projeto “Pará que Orgulha e Transforma”, a antiga imagem da atividade extra-tivista e de enclave dá lugar a uma nova era. Trata-se de um cenário onde a eficiência operacional caminha lado a lado com a transição ecológica e a responsabilidade social.

A riqueza que brota do subsolo paraense já não pode mais ser medida apenas em toneladas de minério exportadas, mas sim pelo legado tecnológico, ambiental e humano que permanece no território.

No coração dessa metamorfose está a Mineração 4.0. Cidades mineradoras como Parauapebas, Canaã dos Carajás e Juruti tornaram-se polos de inovação global. Frotas de caminhões e perfuratrizes autônomas, operadas via satélite e Inteligência Artificial, eliminam o risco humano nas frentes de lavra e reduzem drasticamente as emissões de carbono.

Sensores de última geração e drones monitoram estruturas e áreas de reflorestamento em tempo real. Mais importante ainda, o processamento a seco — que elimina a necessidade de barragens de rejeitos por meio de filtragem avançada — consolida a tecnologia como uma ferramenta direta de proteção à vida e à biodiversidade amazônica.

Essa revolução tecnológica ganha propósito ao se conectar com a sustentabilidade e a transição energética global. O Pará é o fornecedor estratégico dos minérios da economia verde, como o cobre dos carros elétricos e o ferro de altíssima pureza indispensável para o aço de baixa emissão.

Internamente, as mineradoras correm para abastecer suas operações com matrizes 100% renováveis, como a energia solar e eólica. O compromisso ambiental ganha contornos locais no reflorestamento acelerado por biotecnologia, frequentemente integrado à bioeconomia regional. Ao financiar o cultivo de espécies nativas como o açaí e o cacau, a atividade ajuda a manter a floresta em pé e gera renda para comunidades tradicionais.

O pilar definitivo desta nova era, contudo, é o desenvolvimento social compartilhado. A compensação financeira tradicional, embora volumosa através dos royalties da CFEM, provou-se insuficiente quando isolada. O novo cenário exige que a mineração seja uma engrenagem de diversificação econômica e emancipação.

Isso se traduz no estímulo à verticalização industrial, garantindo que o minério seja processado dentro do Pará para gerar empregos qualificados no estado. Significa também capacitar a juventude paraense em robótica, programação e gestão ambiental, preparando-os para o mercado do futuro. O objetivo central é estruturar os municípios para que tenham

infraestrutura de saúde, saneamento e educação de tempo integral, garantindo a sustentabilidade socioeconômica mesmo após o fechamento programado das minas.

O Pará desenha hoje o modelo de mineração que o mundo inteiro procura. Ao equilibrar a alta tecnologia aplicada à segurança, o respeito absoluto à Amazônia e a distribuição real de bem-estar social, o estado prova que é possível transformar recursos finitos em desenvolvimento humano permanente. É a mineração que não apenas orgulha o paraense por sua grandiosidade, mas que efetivamente transforma a realidade de quem vive e trabalha na Amazônia.

Mas nada disso seria possível sem a Inteligência Artificial. A IA não é apenas uma ferramenta nessa nova era; ela é o verdadeiro cérebro que conecta a tecnologia, a segurança e a preservação ambiental.

Na mineração moderna, a Inteligência Artificial atua de forma invisível, mas revolucionária: previsão de desastres: algoritmos analisam micro-vibrações em tempo real para alertar sobre qualquer movimentação sísmica em estruturas, salvando vidas; eficiência ecológica: a IA calcula as rotas mais curtas e inteligentes para as frotas de caminhões autônomos, economizando milhares de litros de combustível e reduzindo a pegada de carbono por minuto; e olhos digitais na floresta: sistemas de visão computacional cruzam dados de satélite e drones para garantir que as áreas de reflorestamento estão crescendo com saúde e no ritmo correto.

+20.000 pessoas em
38 comunidades com
1 certeza:

o futuro que
desejamos nós
fazemos hoje,
juntos

Alan e Antonio Gabriel,
netos da dona Lucineia,
da comunidade Cipoteuá (PA)

Guiados pelo compromisso com o planeta e as pessoas, buscamos no diálogo e na colaboração com a população as soluções para promover o desenvolvimento socioeconômico das comunidades do nosso entorno com a preservação da floresta e da biodiversidade na Amazônia. Assim nasceu o **SOMAR**, nosso programa de responsabilidade socioambiental.

Implementado em 2023 em parceria com a Earthworm Foundation e o apoio do Instituto Peabiru como uma evolução das nossas estratégias de gestão socioambiental na região, o **SOMAR** já propiciou importantes melhorias nas áreas de educação, infraestrutura, meio ambiente, saúde e bem-estar. E assim seguirá avançando – e provando, como acreditamos, que é possível criar valor sem destruir.



agropalma

GRUPO DAABON

www.agropalma.com.br/sustentabilidade

Espaços multiplicados de transformação social

As Usinas da Paz se consolidaram como territórios de promoção de serviços e atendimento à população, possibilitando a geração de emprego e renda e reduzindo os índices de violência nos locais onde foram implantadas



CIDADANIA

Luiza Mello

Com a inauguração da 33ª Usina da Paz, em Óbidos, o Governo do Pará amplia uma política pública que já se tornou referência nacional e internacional por unir cidadania, inclusão social, qualificação profissional e prevenção à violência em um único espaço. Em pouco mais de cinco anos, o Programa Territórios pela Paz (TerPaz) deixou de ser apenas uma estratégia de segurança pública para se consolidar como um dos maiores projetos de transformação social já implantados na Amazônia.

Na semana anterior, Santarém, no Baixo Amazonas, também recebeu sua unidade, entregue pela governadora e por Helder Barbalho, que deu início ao projeto. Com isso, o Baixo Amazonas passa a contar com dois grandes complexos de cidadania, reforçando uma política pública que já alcança todas as regiões do Estado.

Mais do que prédios modernos, as Usinas da Paz representam uma mudança de paradigma: em vez de concentrar esforços apenas no enfrentamento policial da criminalidade, o Estado passou a investir também na prevenção da violência por meio da educação, do espor-

te, da cultura, da saúde, da qualificação profissional e da geração de oportunidades para jovens e adolescentes. Desde a inauguração da primeira unidade, em 2021, as Usinas da Paz já realizaram mais de 15 milhões de atendimentos gratuitos, oferecendo mais de 70 serviços em um mesmo espaço e aproximando o Estado de comunidades historicamente marcadas pela vulnerabilidade social.

Criado em 2019, o Programa Territórios pela Paz nasceu com um conceito inovador: integrar ações de segurança pública com políticas sociais permanentes.

Em bairros e regiões antes lembrados apenas pelos elevados índices de violência, essas unidades passaram a funcionar disponibilizando bibliotecas, laboratórios de informática, salas de robótica, cursos profissionalizantes, atendimento psicológico, assistência jurídica, práticas esportivas, piscinas, teatro, música, dança e espaços destinados ao empreendedorismo.

POLÍTICA PÚBLICA

Especialistas em prevenção da violência apontam que políticas públicas capazes de ampliar oportunidades para adolescentes e jovens, fortalecer vínculos comunitários e reduzir desigualdades tendem a produzir impactos duradouros sobre

os indicadores de criminalidade, especialmente quando associadas à presença permanente do Estado e ao acesso a direitos sociais.

Quem também reconheceu o papel do programa Territórios da Paz foi o jornalista e comentarista da GloboNews, Octavio Guedes, que elogiou publicamente o projeto Usina da Paz, do governo do Pará, definindo-o em sua coluna no G1 como “um aperfeiçoamento de projetos de segurança pública que outros estados jogaram no lixo”. Em sua análise, o comentarista destaca a transição bem-sucedida de uma política focada apenas na ocupação policial para uma focada na inclusão social.

O impacto das Usinas vai muito além dos números. Para milhares de jovens da periferia, os complexos passaram a representar o primeiro contato com cursos de tecnologia, robótica, idiomas, música, gastronomia, informática e empreendedorismo. Muitas mulheres encontraram nas oficinas de corte e costura, gastronomia e qualificação profissional uma oportunidade de geração de renda. Crianças passaram a frequentar atividades esportivas e culturais em ambientes seguros e idosos passaram a contar com atendimento em saúde, atividades físicas e convivência social. Famí-



EM IMAGENS

lias inteiras pas-saram a resolver em um úni-co lugar demandas que antes exigiam deslocamen-tos para diversos órgãos públi-cos.

A secretária de Estado de Articulação da Cidadania, Marilda Braga, resume o ob-jetivo do programa. “Cada nova Usina da Paz represen-ta mais oportuni-dades para quem mais preci-sa. Este é um espaço construí-do para acolher as famílias, for-talecer vínculos, promover cida-dania e oferecer acesso gratuito a serviços essenciais.”

FRONTEIRAS

O sucesso das Usinas da Paz também despertou interesse fora do Estado. Durante a COP30, realizada em novembro

do ano passado em Belém, dele-gações nacionais e internacio-nais visitaram os complexos para conhecer de perto o funciona-mento do programa.

As visitas incluíram represen-tantes de governos estaduais brasileiros, autoridades do Uru-guai, pesquisadores do Institu-to de Tecnologia de Massachu-setts (MIT) e especialistas em planejamento urbano interessa-dos na integração entre cida-da-nia, educação, inovação e desen-volvimento social promovida pe-las Usinas.

Esse reconhecimento interna-cional reforça uma característi-ca frequentemente destacada por pesquisadores da área de políti-cas públicas: programas que inte-gram educação, esporte, cultura, qualificação profissional e prote-ção social apresentam maior po-tencial de reduzir desigualdades e ampliar oportunidades em territó-rios vulneráveis, em consonância com os Objetivos de Desenvolvi-mento Sustentável da ONU.

Com a inauguração de Óbidos,

❶ Espaços promovem atividades educacionais

FOTO: JOÃO CAIO / AGÊNCIA PARÁ

❷ As crianças também aproveitam as áreas de lazer

FOTO: PEDRO GUERREIRO / AGÊNCIA PARÁ

❸ Estruturas permitem a realização de mais de 70 serviços à população

FOTO: ALEXANDRE COSTA

o Pará passa a contar com 33 Usinas da Paz em funcionamen-to. Outras cinco unidades estão em construção, nos municípios de Viseu, Breves, Portel além da construção de uma segunda uni-dade em Ananindeua e em Pa-rauapebas.

A expectativa do Governo do Estado é ampliar ainda mais a co-bertura territorial do programa, levando cidadania, qualificação profissional, inclusão digital, es-por-te, cultura e atendimento pú-blico de qualidade para regiões que, durante décadas, permane-ceram distantes das políticas pú-blicas.

Desde a criação do Programa Territórios pela Paz (TerPaz), em 2019, o Estado passou a com-bin-ar investimentos em seguran-ça pública com políticas soci-ais permanentes. A expansão das Usinas da Paz ocorreu paralela-mente à queda dos índices de Crimes Violentos Letais Intenci-onais (CVLI), homicídios e rou-bos registrada nos últimos anos, reforçando a estratégia de que prevenir a violência também sig-nifica gerar oportunidades, for-talecer famílias e reduzir desi-gualdades.

É essa combinação entre se-gurança, cidadania e desenvolvi-mento humano que transformou o programa em um dos maiores símbolos da mudança social vivi-da pelo Pará nos últimos anos.

USINAS DA PAZ EM NÚMEROS

UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE INCLUSÃO SOCIAL DA AMÉRICA LATINA

- 33 Usinas da Paz já estão em funcionamento no Pará.
- 15 milhões de atendimentos gratuitos realizados desde 2021.
- Mais de 70 serviços oferecidos em cada unidade.
- Cinco novas Usinas em construção nos municípios de Viseu, Breves, Portel e nas segundas unidades de Ananindeua e Parauapebas.

O QUE A POPULAÇÃO ENCONTRA NAS USINAS

- Consultas médicas, odontológicas e psicológicas;
- Emissão de documentos;
- Assistência jurídica e social;
- Cursos profissionalizantes;
- Inclusão digital, informática e robótica;
- Biblioteca e reforço escolar;
- Música, dança, teatro e gastronomia;
- Piscinas, quadras esportivas e academias;
- Atendimento às mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência;
- Incentivo ao empreendedorismo e à geração de renda.

RESULTADOS QUE VÃO ALÉM DOS NÚMEROS

- Ampliação do acesso da população periférica aos serviços públicos.
- Qualificação profissional gratuita para jovens e adultos.
- Fortalecimento da convivência comunitária.
- Ocupação positiva do tempo livre de crianças e adolescentes.
- Redução das desigualdades sociais por meio da oferta permanente de políticas públicas.
- Integração entre segurança pública, educação, cultura, esporte e assistência social

Uma tradição cultivada com saberes e sabores

A gastronomia paraense tem conquistado os paladares de todo o mundo, ao unir o conhecimento ancestral, a riqueza dos produtos locais e a paixão pelos rituais de preparo. O resultado são pratos únicos

Poucas expressões trazem tão profundamente a identidade do Estado do Pará quanto sua culinária, formada por saberes indígenas, influências africanas e portuguesas e, sobretudo, por uma relação íntima entre o homem, os rios e a floresta.

No Pará, a comida não chega à mesa apenas como alimento. Ela traz uma história. O tucupi exige conhecimento para ser extraído e preparado. O jambu provoca nos lábios uma dormência que surpreende quem o experimenta pela primeira vez. A maniva atravessa dias de cozimento antes de se transformar em maniçoba. O peixe muda conforme o rio, a estação e o território. E a farinha, presença quase obrigatória, completa o prato como se sempre tivesse pertencido a ele — porque, de fato, sempre pertenceu.

Essa originalidade colocou Belém definitivamente no mapa da gastronomia mundial. Reconhecida pela Unesco como Cidade Criativa da Gastronomia desde 2015, a capital paraense foi incluída, em 2025, pela Lonely Planet entre as 15 cidades com as experiências culinárias mais atraentes do planeta. Em 2026, conquistou, por votação popular, o título de Melhor Experiência de Turismo Gastronômico do Brasil no prêmio Melhores da Gastronomia, promovido pela revista Prazeres da Mesa.

IDENTIDADE

Nas ruas de Belém, a cuia de tacacá é uma espécie de cartão de visita. O caldo quen-



te e amarelo do tucupi, o camarão seco, a goma e o jambu formam uma combinação que não pode ser reduzida a uma receita. O tacacá também representa o trabalho das tacacazeiras, a ocupação das calçadas no fim da tarde e um modo de viver transmitido entre gerações.

No Ver-o-Peso, um dos maiores símbolos da cultura popular paraense, essa relação entre alimento e território aparece em cada corredor. Peixes, frutas, ervas, raízes, farinhas, pimentas e temperos ajudam a contar a diversidade da Amazônia. Ali, o cheiro do patchouli se mistura ao das panelas, enquanto o filhote, a dourada, o pirarucu e outros pescados dividem espaço com o tucupi, a maniva e o açaí.

Comer no Pará também é aprender a respeitar o tempo. Na maniçoba, as folhas moídas da mandioca passam, tradicionalmente, por cerca de sete dias de cozimento para reduzir a níveis seguros os compostos cianogênicos naturalmente presentes na planta. É um processo herdado dos conhecimentos indígenas, mantido nas cozi-

nhas familiares e indispensável ao almoço do Círio de Nazaré.

Na outra ponta, chefs paraenses levam esses sabores a novos públicos. Natural de Santarém, Saulo Jennings tornou-se, em 2024, o primeiro Embaixador Gastronômico da ONU Turismo no mundo. Seu trabalho divulga internacionalmente a cozinha tapajônica e mostra que o peixe amazônico pode chegar aos salões mais sofisticados sem romper os vínculos com o rio e com as comunidades que lhe deram origem.

Por trás de cada prato existe uma extensa cadeia de trabalho. Estão nela agricultores familiares, pescadores, extrativistas, barqueiros, feirantes, cozinheiras, artesãos, pequenos comerciantes, donos de restaurantes e produtores de doces, polpas, farinhas, queijos e chocolates.

O Pará é o maior produtor brasileiro de açaí, com 1,61 milhão de toneladas registradas em 2024. Também ocupa a liderança nacional na produção de cacau: foram aproximadamente 154 mil toneladas de amêndoas no mesmo ano. São números queaju-

dam a dimensionar a base econômica dos sabores apresentados nos mercados, restaurantes e festivais gastronômicos.

Quando essas cadeias são estruturadas com manejo sustentável, beneficiamento local e remuneração justa, a gastronomia deixa de representar apenas o consumo de um produto e passa a funcionar como bioeconomia.

A Ilha do Combu, a poucos minutos de barco de Belém, tornou-se um dos exemplos mais conhecidos dessa transformação. A ilha continua guardando seu modo de vida ribeirinho, mas passou a reunir restaurantes, roteiros de visitação, produção artesanal e experiências ligadas ao cacau.

A trajetória de Dona Nena, fundadora da mar-ca Filha do Combu, simboliza esse movimento. O cacau nativo manejado entre as árvores é colhido, fermentado e transformado em chocolates e doces artesanais. O empreendimento também recebe visitantes interessados em conhecer a floresta, o cultivo e as etapas da produção. Assim, um saber familiar tornou-se negócio, atração turística e referência de empreendedorismo feminino.

SABORES

Embora Belém funcione como grande vitrine, a gastronomia paraense não cabe apenas na capital. Ela se espalha por diferentes territórios, acompanhando os rios, os campos, os manguezais e as formas de vida de cada região.

No Marajó, a criação de búfalos influencia a culinária e sustenta uma cadeia de produtores, vaqueiros e queijeiros. O filé de búfalo, o frito do vaqueiro e o tradicional Queijo do Marajó ajudam a contar a história da ilha. Produzido artesanalmente, o queijo recebeu do Instituto Nacional da Propriedade Industrial, em 2021, o registro de Indicação de Procedência, que prote-



EM IMAGENS

① A farinha representa a tradição geográfica do Estado FOTO: RICARDO AMANAJAS / ARQUIVO ② O tacacá faz parte da identidade paraense FOTO: WAGNER SANTANA / ARQUIVO

ge sua origem e reconhece sua ligação com o território marajoara.

No Baixo Amazonas e no Tapajós, os peixes de água doce assumem o protagonismo. Tucunaré, pirarucu, tambaqui e acari aparecem assados, fritos, caldeirados ou preparados no moqué. O piracuí, farinha feita de peixe seco, transforma-se em bolinhos e outras receitas que preservam práticas antigas das populações ribeirinhas.

No Salgado, o encontro das águas dos rios com o Atlântico produz outra cozinha. Bragança reúne caranguejo-uçá, pescados, mariscos e uma farinha que alcançou fama nacional. A Farinha de Bragança também conquistou, em 2021, a Indicação de Procedência. Essa diversidade mostra que a gastronomia paraense não é uma coleção de pratos exóticos. É um sistema cultural construído ao longo de séculos. Sua riqueza está tanto no sabor quanto nas mãos que plantam, pescam, colhem, cozinham e ensinam.

Quando um visitante leva a cuia de tacacá aos lábios, prova mais do que tucupi e jambu. Quando compra um chocolate do Combu, um queijo do Marajó ou um pacote de farinha de Bragança, movimenta uma cadeia que começa no interior da floresta e termina na mesa. É assim que o Pará transforma comida em memória, trabalho em desenvolvimento e tradição em futuro.

AS FARINHAS DO PARÁ

OPAR PERFEITO DO PEIXE PARAENSE

Peixe preparado no Pará sem farinha é quase um Romeu sem Julieta: pode até existir, mas todo mundo percebe que está faltando alguma coisa. Herdada dos povos indígenas, a farinha de mandioca acompanha o açaí, o peixe frito, as caldeiradas, o caranguejo, o churrasco e até o cafezinho de muita gente. Apesar da origem comum, as farinhas não são todas iguais.

FARINHA D'ÁGUA

É produzida com raízes de mandioca que permanecem submersas em água para amolecer e passar por uma fermentação. Depois, a massa é triturada, prensada, peneirada e torrada. O processo dá à farinha sabor mais intenso, leve acidez e grãos geralmente mais crocantes. Pode ser branca ou amarelada e apresentar granulometria fina, média ou grossa. Combina especialmente com peixes, carnes, açaí e caldos.

FARINHA DE BRAGANÇA

A primeira diferença é de parentesco: toda Farinha de Bragança certificada é uma farinha d'água, mas nem toda farinha d'água pode ser chamada de Farinha de Bragança. O nome está ligado à procedência e ao saber tradicional das casas de farinha de Bragança e de outros quatro municípios do nordeste paraense. É reconhecida pela torra, pela crocância e pelo sabor característico. Desde 2021, possui Indicação de Procedência concedida pelo INPI, reconhecimento que protege sua origem e agrega valor ao trabalho dos produtores familiares. É a companhia clássica do peixe frito, do caranguejo e do açaí.

FARINHA DE TAPIOCA

Apesar do nome, não é feita diretamente da massa da mandioca. Sua matéria-prima é a fécula — ou goma purificada — extraída da raiz. Depois de umedecida, a fécula forma pequenos grãos que são peneirados e torrados, resultando em uma farinha branca, leve, aerada e crocante. É muito consumida com açaí e usada em mingaus, bolos, pudins, sorvetes e sobremesas. Também não deve ser confundida com a goma hidratada utilizada para preparar a tapioca de frigideira.

Pesquisas trazem respostas para os desafios da Amazônia

A UFPA e o Instituto Evandro Chagas são instituições de referência na região, pois transformam o conhecimento em inovação, proteção à vida, emergência climática e contra o surgimento de novas doenças

REFERÊNCIAS

Luiza Mello

Com atuação da UFPA e do Instituto Evandro Chagas, o conhecimento produzido no Estado transforma a biodiversidade amazônica em inovação, renda e proteção à vida, evidenciando que a floresta amazônica não guarda apenas riquezas naturais. Também abriga respostas para alguns dos maiores desafios do planeta, da emergência climática ao surgimento de novas doenças.

Um dos principais centros dessa transformação é a Universidade Federal do Pará (UFPA), que figura entre as instituições com maior produção científica dedicada à Amazônia. Seus pesquisadores atuam no desenvolvimento de medicamentos, cosméticos, bioplásticos, biofertilizantes e novos materiais, além de prestar apoio técnico a produtores, cooperativas e comunidades.

“A bioeconomia é transversal na UFPA, presente em áreas como Biologia, Engenharias, Ciências Agrárias e também nas Humanidades”, explica o superintendente de Inovação e Desenvolvimento da instituição, Filipe Saraiva. Essa integração permite que conhecimentos transmitidos por gerações sejam estudados e aprimorados pela ciência. É o caso da andiroba, tradicionalmente utilizada pelas populações amazônicas por suas propriedades anti-inflamatórias e hoje pesquisada como matéria-prima para medicamentos, cosméticos e insumos industriais.

Se a UFPA ajuda a transformar a biodiversidade em desenvolvimento, o Instituto Evan-



A Universidade Federal do Pará (UFPA) é uma das instituições com maior produção científica em toda a região Amazônica FOTO: WAGNER ALMEIDA

dro Chagas (IEC) faz do Pará uma referência histórica em saúde pública e medicina tropical. Fundado em 1936, em Belém, para estudar a leishmaniose visceral, o instituto expandiu sua atuação e tornou-se estratégico no enfrentamento de doenças que atingem a Amazônia e outras regiões do mundo.

O IEC mantém uma das mais importantes coleções de vírus tropicais e acumula pesquisas sobre arbovírus transmitidos por insetos, como dengue, zika, chikungunya, febre amarela e mayaro. Esse conhecimento contribui para identificar agentes infecciosos, compreender sua circulação e orientar ações de vigilância e prevenção.

Há quase 90 anos, o Instituto transforma pesquisas realizadas na Amazônia em proteção para populações do Brasil e de outros países. Entre os principais marcos dessa trajetória está ligada à criação do IEC, que contribuíram para esclarecer a leishmaniose visceral. Os estudos realizados na região ajudaram a esclarecer a transmissão da doença, seus vetores e reservatórios, abrindo novos caminhos para a me-

dicina tropical brasileira.

O IEC também investiga a presença de mercúrio em peixes e populações ribeirinhas, especialmente nas áreas atingidas pelo garimpo.

Atualmente, o IEC combina a tradição da pesquisa de campo com laboratórios de biossegurança e tecnologias de sequenciamento genético. A estrutura permite acompanhar a circulação e as mutações de vírus, ajudando a identificar riscos sanitários antes que surtos locais ganhem maiores proporções. Essa vigilância torna-se ainda mais importante diante do desmatamento, das mudanças climáticas e do avanço humano sobre ambientes naturais.

Ao aproximar conhecimento tradicional, pesquisa científica e tecnologia, o Pará mostra que a floresta vale mais quando permanece viva. Das descobertas sobre doenças tropicais aos produtos desenvolvidos com frutos, óleos e resíduos amazônicos, a ciência feita no Estado protege vidas, movimenta a economia e oferece ao mundo um modelo de desenvolvimento com identidade regional.

Linha de transmissão

Manaus-Boa Vista

A última fronteira do
desenvolvimento energético



Assista ao documentário que conta a história da maior **obra de infraestrutura do extremo Norte do Brasil**, que conectou Roraima ao Sistema Interligado Nacional (SIN). Uma realização histórica, conduzida com respeito e propósito, que percorreu **724 km** pela floresta amazônica e ergueu 1.390 torres de transmissão de energia elétrica, encerrando o isolamento energético do estado de Roraima.

A **Alubar** tem orgulho de impulsionar essa transformação, produzindo **cabos elétricos de alumínio** com matéria-prima e mão de obra da região Norte. Assim, contribuimos para levar energia, desenvolvimento e novas oportunidades para toda a região.

O documentário é uma produção da MZN Filmes, com apoio da Alubar, Brametal e Tabocas, empresas responsáveis pela execução do empreendimento.



Assista ao
documentário
no YouTube



Capital de Giro do Banco da Amazônia

Tranquilidade pra você,
mais fôlego pro seu negócio.

- As melhores taxas do mercado
- Até 60 meses para pagar

Seu negócio merece respirar com tranquilidade. E com o **Capital de Giro do Banco da Amazônia**, você garante fôlego para crescer sem apertos. Aqui, você tem crédito e serviços feitos sob medida para a sua empresa, com as melhores taxas do mercado e até 60 meses pra pagar.

Conheça
e contrate



 banco da
amazônia

